

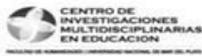
7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS

(HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

QUANDO O TEXTO TOCA, AFETA E PUNGE: CÍRCULOS LITERÁRIOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES-PROFESSORES

Martins de Meireles Maximiano

Universidade do Estado da Bahia/UNEB

maxymuus@hotmail.com.

Resumo: Este trabalho, decorrente de uma investigação doutoral, versa sobre os Círculos literários como experiência formativa de leitores-professores. O corpus de análise desta investigação se constitui de narrativas de leitores-professores e as experiências nos círculos literários. Nas narrativas dos sujeitos, a leitura do texto literário emerge como potência de conversão do olhar: ver e sentir de outra maneira. Isso remete à perspectiva da estesia e do estético: uma poética do olhar que permite transver a realidade, ou seja, redescobrir e construir novas visões e versões das coisas. Transformar o olhar ordinário em um olhar poético e sensível. As experiências e reflexões nos círculos literários contribuem, ainda, para constituir indícios sobre a docência como um processo de criação e recriação, aberta às novidades, ao estético e à estesia; ou ainda na perspectiva do *punctum*: ir além da informação para dar vazão ao que punge, toca e afeta. O texto literário como potência formativa: novas formas de dizer, pensar, sentir e se constituir leitor-professor.

Palavras-chave: Círculos literários – Formação - Leitor-professor.

1 Os avessos para a construção do objeto de estudo

Este trabalho, decorrente de uma investigação doutoral, versa sobre os círculos literários como experiência formativa de leitores-professores. O corpus de análise desta investigação se constitui de narrativas de leitores-professores e as experiências nos círculos literários. O objetivo é discutir a leitura literária – via sensibilidades compartilhadas – como um caminho que se abre ao *punctum*: ir além da informação para dar vazão ao que punge, toca e afeta. Ou ainda como potência formativa: novas formas de dizer, pensar, sentir e se constituir leitor-professor.

Vou me deter inicialmente, portanto, dialogando com Barthes (2012), não ao que está na ordem do *studium* – propriamente o tema, os fundamentos teóricos e metodológicos do objeto de estudo desta tese. Em um outro momento, detalharei mais especificamente essas questões. Interessa-me dizer o que tem a ver com o *punctum*: os percursos subjetivos que trilhei, as forças afetivas que me movem, ou seja, aquilo que está na ordem do desejo, pois concordo com o dizer: “as pessoas estudam o que desejam ou o que temem (BARTHES, 1978)”. O que me coloca em posição de existência para olhar este objeto de estudo.

Em A Câmara Clara, Barthes (2012) mostra que sua relação com o texto, neste caso a fotografia, é marcada por uma pulsão de sentimentos, uma experiência sensível no meu ver: pequenos júbilos, desejo, nostalgia, luto, repulsa, aversão, irritação. Sua perspectiva de análise da Fotografia se dá nesse sentido: “eu só me interessava pela Fotografia por ‘sentimento’; eu queria aprofundá-la não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (BARTHES, 2012, p. 28).

Assim, se a fotografia o interessa porque lhe provoca um sentimento, uma aventura, uma animação, por exemplo, ele se deixa atrair, olha em posição de existência. A força do afeto: quando a fotografia funda a copresença de elementos descontínuos, heterogêneos, o que provoca vastidão, emoção, ferida. Para além do *studium*, o *punctum*. Sobre isso, o autor relata:

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*), que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez não sou eu quem vou buscá-lo [...] é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida. Essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à ideia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas, são precisamente pontos. Esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere) (BARTHES, 2012, p. 31).

Neste percurso investigativo, eu desejava construir um objeto de estudo *que fosse a estética do avesso*. Talvez algo que tenha a ver com o meu avesso: o leitor que sou ou que desejo ser, um leitor de mim mesmo. Em mim poesia, reinvenção. Sensibilidades. A leitura transformando minha subjetividade na relação com os outros e os outros de mim.

Parece que sempre fui afetado pelo desejo de *voar fora da asa* (Manoel de Barros). O desejo de me tornar um *leitor, pesquisador, professor* mais livre, se assim é possível ser. Porque a

leitura, às vezes, foi, na minha formação, uma experiência de obrigação: na escola foi assim, na graduação foi assim, na profissão docente também. Gastei muito tempo lendo o que fui “obrigado” à ler. Mas ficou em mim uma falta: ler o que eu gostaria, o que está para além da necessidade pragmática, acadêmica, escolar, profissional, financeira. A leitura sem um fim em si mesma, intransitiva, como abertura ao desconhecido, ou seja, ao que não se pode controlar nem prever, nem predizer (LARROSA, 2011).

E por falar em desejo, desejo ler mais literatura, arte, filosofia. Um leitor, numa relação mais livre com o texto, que escapa ao enclausuramento das fórmulas prontas (MAFFESOLI, 1998). Desejo mais devaneio: o gesto de voar fora do real, de sair da rotineira noção de tempo e da realidade, me deslocar para outras dimensões afetivas, temporais e imaginárias, mas sem perder o prumo do real. Careço disto: potencializar o aprofundamento da própria existência, a leitura repercutindo na minha constituição-sujeito, nas ressonâncias e reinvenção de mim e da realidade. Nas bordas, sem fronteiras: estetização da existência. O querer viver estético. A beleza de ser transformado pela leitura. Isto me lembra um poema do Manoel de Barros:

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

Desse modo, a experiência de leitura tem a potência de fazer a conversão do olhar, a capacidade de me ensinar a ver as coisas de outra maneira. Quando me entrego a essa experiência, transformo o olhar ordinário sobre o mundo em um olhar poético, em um viver poético (LARROSA, 2015).

Mas a construção de um trabalho acadêmico/científico não se sustenta apenas pelos desejos pessoais do pesquisador ou apenas por aspectos autobiográficos, subjetivos e poéticos como os que foram aqui apresentados. E nem é o caso desta pesquisa (ainda em fase de construção). Esta *estética do avesso – ou esse voar fora da asa* - também me conduz a pensar o modo

como o nosso ser nesta contemporaneidade muitas vezes imerge em trilhas de trabalhos burocráticos, de desencontros de sensibilidade, de rotinas extenuantes, envolto em tantas tarefas mecânicas, a exemplo do sujeito pragmático que trata o poema do Manoel de Barros. O ser no meio do *redemoinho*, apropriando-me aqui de uma expressão tão bem empregada por Guimarães Rosa (2001), em Grande Sertão: veredas.

Ademais, a sociedade contemporânea, marcada por uma concepção moderna, um pensamento racional, pensamento que se estende à escola, aos cursos de formação de leitores e professores, tem colocado a leitura e a literatura, quase sempre, à serviço da informação, do estudo do texto, do conteúdo, de uma função pragmática. Apropriando-me mais uma vez de Barthes (2012), arrisco dizer: há, portanto, pouca atenção ao *punctum*, ou seja, à subjetividade do leitor, aquilo que lhe toca, que pune, às suas sensibilidades.

Aprendi, nessas trajetórias “sensíveis” de leitura [aqui faço ecoar mais uma vez o poeta Manoel de Barros que está em mim] que a gente carece não apenas de ler o mundo ou as palavras no sentido de interpretar-compreender, a gente carece também de desver o mundo, as palavras, para *encontrar novas coisas de ver, novas possibilidades de se dizer*. Os deslimites da palavra dão ao leitor um novo jeito de olhar o mundo, possibilitam um exercício de desautomatizar o olhar, a ação, e transformar o real a partir de uma imaginação poética: transver o mundo, a realidade, a si mesmo. Seria uma maneira de sair do enfado, de expurgar o tédio, de ampliar a realidade, de reinventar a si mesmo e a vida?

Ler é isto: criar, recriar-se. Este tem sido o desejo que me move no momento: quero criar, quero me recriar. Aposto em um pensamento flexível, intuitivo, metafórico, criativo, como possibilidade de gestar um conhecimento profundo e próximo da realidade, da vida, da experiência. O trabalho científico não carece apenas da imaginação, mas igualmente da própria imaginação poética (MAFFESOLI, 1998).

Outro aspecto que me chamou atenção do ponto de vista não apenas pessoal ou social, como abordei anteriormente, diz respeito ao aspecto acadêmico. E isto também tem a ver com a *estética do avesso*: este objeto de estudo tem sido pouco explorado em dissertações e teses, conforme levantamento que realizei no banco de dados da CAPES.

Através do descritor leitor-professor, identifiquei 114 trabalhos que tratam da leitura na formação do leitor-professor ou na prática do professor formador de leitores. Numa primeira análise, percebi que as referidas produções perpassam por diferentes âmbitos da leitura¹, no

¹ As investigações centram-se nos aspectos da prática docente de alfabetização; estratégias de leitura; competências leitoras; ensino da leitura e literatura; formação docente e ensino da literatura; análise de materiais didáticos e programas de formação continuada; práticas leitoras no contexto das tecnologias; formação estética

entanto, nenhuma delas, conforme conteúdo dos resumos, aborda a leitura na perspectiva da experiência sensível, das sensibilidades.

Numa segunda análise, observei também que há, nos resumos, diferentes adjetivações para o leitor (leitor crítico, leitor competente, leitor proficiente, leitor interativo, leitor letrado, leitor alfabetizado, leitor literário, leitor autônomo, leitor acadêmico, leitor-autor), entretanto, nenhuma das dissertações ou teses se utiliza do termo/conceito/categoria leitor sensível.

Neste levantamento de produções de dissertações e teses no banco da CAPES, utilizei também o descritor “sensibilidades e leitura” e identifiquei 44 produções. Nos referidos trabalhos, o sensível é abordado na perspectiva artística, estética, sonora, lúdica, gustativa, corpórea; no entanto, nenhuma trata da relação entre o sensível e a leitura, ou a constituição do leitor. Utilizei, também, o descritor - experiências sensíveis - dos 32 trabalhos localizados, nenhum trata de experiências sensíveis no âmbito da leitura. Este levantamento me permitiu uma inferência: nas discussões sobre leitura e formação do leitor, há uma questão a ser explorada – as relações entre leitura e sensibilidades, sensibilidades e formação do leitor/professor.

Este desejo pela *estética do avesso* foi o que me mobilizou para perseguir nestas veredas: as sensibilidades que se expressam nos gestos, nas vozes, nos sentidos e percepções de leitores-professores em suas experiências com a leitura, especialmente o texto literário. E talvez nisto resida a *estética do avesso* do objeto de estudo desta tese: o lugar das sensibilidades na experiência com a leitura, na formação do leitor-professor. Eis sua singularidade. Sua invenção!

2 Os caminhos teóricos e metodológicos...

Agora, começo a falar um pouco de como esta pesquisa foi ganhando corpo. Trato de caminhos metodológicos, do campo empírico. É importante dizer que nesta pesquisa os leitores-professores realizaram mergulhos em si. E esses mergulhos, embora não tendo como contexto o teatro, o palco, a performance artística, também se deram nesta relação amalgamada entre a vida e a ficção.

Este mergulho de si tem a ver com a ciência e o conhecimento na contemporaneidade, com este momento de guinada subjetiva. Desse modo, muitos cientistas sociais deslocaram o olhar

do leitor; literatura e crítica literária; letramento literário; leitura como prática social; leitura no contexto multicultural; leitura, prazer e fruição; leitura em avaliações externas, histórias de leitura, experiências de leitura.

para aquilo que parece ínfimo, para o detalhe excepcional, buscando vestígios das diferentes subjetividades que constituem a condição humana, em diferentes contextos (SARLO, 2007). Neste movimento emergente das margens, emergem tendências acadêmicas que pretendem investigar as histórias de vida, os itinerários sociais, os discursos da memória e que se propõem a reconstruir a textura da vida, a rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva (SARLO, 2007). A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença do sujeito na cena do passado. A narrativa insere e funda a experiência em novas temporalidades: que não é a do acontecer, mas o da lembrança; um tempo que se atualiza e, portanto, se faz presente (SARLO, 2007). E neste sentido, os Estudos autobiográficos assim como a História Cultural, mais especificamente o Campo das Sensibilidades, trazem grandes contribuições, sobretudo a esta pesquisa.

O contato com o Campo das Sensibilidades, no período do doutorado sanduíche, entre as pesquisas no acervo da Sandra Pesavento e as leituras que foram indicadas pela professora-supervisora Nádia, possibilitou a construção de um conhecimento que me fez assumir as Sensibilidades não apenas como tema ou um construto teórico desta pesquisa, mas também como um método de investigação, aproximando esta pesquisa à História Cultural e mais especificamente ao Campos das Sensibilidades.

A referida autora, importante historiadora deste século no cenário brasileiro, pensa as Sensibilidades como um método da História, especialmente da História Cultural. Um método que permite ao historiador trazer o passado para o presente quando se dedica à ler as formas de ver, sentir e perceber dos homens de uma outra época [ou ainda na história de um tempo presente]:

Toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, precisando ser objetivada em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva (PESAVENTO, 2005, p.132).

Nesse sentido, entendo que a experiência construída em parceria com os leitores professores, durante os Círculos narrativos e literários, pode ser assim nomeada como um encontro de intersubjetividades e mais ainda: Sensibilidades compartilhadas que se davam à ler a cada encontro do grupo. Essas sensibilidades compartilhadas – por meio de narrativas orais e escritas de si, a leitura compartilhada (em voz alta) dos contos e demais textos literários que

se desdobravam em conversas sobre os textos lidos, os relatos da experiência e as produções imagéticas se dão à ler enquanto “fontes”. É a partir destas materialidades, os registros – textos escritos e transcritos – que busquei analisar as nuances de sensibilidades nesta experiência com a leitura - mais especificamente a literária – e o que dela se desdobra.

Reconhecendo o valor deste método para a História, mas me colocando do lugar de um não historiador – dado também as especificidades deste trabalho, busquei elementos teóricos e metodológicos que fossem subsídios para uma pesquisa que se dá no Campo da educação do tempo presente. Foi preciso salvaguardar essas especificidades, do meu lugar de pesquisador que transita entre duas formações: Letras e Educação. Portanto, o meu olhar sobre o corpus deste trabalho teve centralidade a partir dos meus lugares de formação, que se amplia no diálogo com outros campos do conhecimento.

Inspirado na voz de Sandra Pesavento (2005), digo que me interessou analisar as sensibilidades de um outro – o leitor-professor - no tempo: um passado recente (círculos narrativos) ou no tempo presente (círculos literários). Mas, claro, sem perder de vista a fronteira porosa entre essas temporalidades – o passado e o presente - e o modo como isso vai se amalgamando, embaralhando-se nos gestos e vozes dos sujeitos desta pesquisa.

Trato agora dos Círculos literários. É este o ponto fulcral deste trabalho: porque põe em cena as nuances de sensibilidades expressadas em gestos, vozes e percepções de leitores-professores na relação com o texto literário, mais especificamente contos. A perspectiva nos Círculos literários foi considerar as múltiplas leituras que o texto pode permitir, criando oportunidades para os leitores-professores falarem sobre suas emoções, lembranças, afetos e efeitos da leitura, nos círculos literários, na perspectiva da literatura como um campo profícuo de afetos, sensações, sentimentos e reflexões.

Sendo assim, no processo de organização e mediação dos círculos de literários, busquei subsídios em algumas noções teóricas que considero: relevantes: 1) sensibilidade: a experiência de ler o texto pela via de muito sentidos que não apenas o racional; 2) subjetividade: movimento de abertura em relação ao texto para se deixar afetar, o modo singular de se relacionar com o texto; 3) estético: o olhar que permita construir novos sentidos sobre a realidade, sobre o vivido, sobre o texto lido; 4) devaneio: a leitura como o gesto de voar fora do real; punctum: atenção ao sentimento, ao detalhe, aquilo que punge.

Os *Círculos literários* aconteceram com periodicidade semanal, agendados previamente com os participantes, no caso oito leitores-professores da educação básica. Realizou-se oito encontros com a média a duração de 2 horas cada. O processo aconteceu da seguinte forma:

havia um cronograma com as indicações das leituras, e os participantes receberam os textos impressos para a realização da leitura do material antes de cada encontro.

Em cada círculo, o texto indicado era lido também coletivamente, e daí abria-se um espaço para conversa sobre como foi a experiência de leitura com o texto literário em questão: que aspectos chamaram atenção; que parte do texto tocou e qual a razão disso; qual foi a percepção sobre as personagens; que sensações o texto provocou; as contribuições do texto para a formação como leitor-professor. O pesquisador assumiu o papel de mediador do diálogo entre os leitores-professores, planejando os encontros, preparando o material a ser utilizando, fomentando questões e também se colocando como leitor dos textos. Assumi assim uma dupla função: de mediador e leitor.

Os textos utilizados nos encontros foram poemas e contos. Optou-se pela seleção de poemas no sentido de adentrar no jogo das palavras, “voar fora da asa”, dar trela à imaginação. Optei por contos por serem narrativas breves, porém densas, com personagens complexas. Enredos ricos em recursos estilísticos e simbólicos, de conteúdos sensíveis e psicológicos, encharcados de poeticidade literária. Nas tramas que tecem os textos, temas variados e pungentes, relacionados à existência e condição humana – o ser no mundo, evidenciando aspectos da vida: tocantes, belos, terríveis, maravilhosos, lúdicos. O texto literário em um campo profícuo de sensibilidades.

3 Quando o texto toca, afeta e punge: os círculos literários na formação de leitores-professores

Após a realização do campo empírico, mais especificamente os oito encontros com leitores-professores nos Círculos literários, empreendi um trabalho de escuta dos áudios e leitura do material de transcrição para a construção de categorias sensíveis, ou seja a reorganização dos dados como forma de tradução da experiência vivenciada e compartilhada. Aquilo que se pretende apresentar como processo e resultado desta pesquisa. Para tanto, foi preciso escutar os gestos, os traços, as vozes e percepções dos leitores-professores, os oitos atores que assumem a cena imagética deste trabalho: encenam, narram suas experiências com a leitura e com os contos (nos círculos literários). Neste movimento, compartilham sensibilidades.

Como Barthes (2012) volta e meia ecoa em mim, digo: essas vozes tornam-se o corpus, ou melhor: os corpos que constituem esta tese. Mais do que um corpus de análise, tem-se aqui, nesta tese, corpos: que nas singulares expressam, agem e reagem frente aos textos que compõem suas histórias de leitura e aos contos e textos lidos nos círculos literários. São

corpos que se deixam afetar, que se abrem às veredas do ator de ler, neste caso, um ler que se dar ao sensível, às sensibilidades.

Ao ler e reler os dados, ou melhor: escutá-los de modo atento e sensível, percebi que as experiências nos Círculos literários se configurou-se como um caminho singular e subjetivo para que os atores compartilhassem sensibilidades que se traduzem em gestos de leitura, sensações provocadas pelo o texto lido e o que dele se desdobra, e as percepções sobre o ser sensível... e as reinvenções dos leitores-professores. Nomeio esta análise – ainda em fase de elaboração – em três categorias sensíveis – que se constituem atos (capítulos) da tese: I: O leitor nos círculos literários; II: Quando o texto toca o corpo; III: O ser sensível e a reinvenção do leitor-professor.

No primeiro ato, pretendo discutir GESTOS DE LEITURA que se mostraram mais potentes na experiência construída nos Círculos literários. O primeiro gesto tem a ver com o *Leitor contemplativo: o olhar e à escuta sensível*. O corpus deste trabalho revela uma relação entre o leitor e o texto literário que se deu através de uma leitura contemplativa. Leitura contemplativa aqui entendida como essa experiência demorada (e isso não tem a ver com um tempo cronológico, talvez mais subjetivo e afetivo) e atenta, essa percepção estética e prenhe de afeto do leitor ao se debruçar sobre as temáticas, personagens, formas e elementos presentes nos contos. Esta escuta ao outro, à voz do outro ou do texto, uma escuta às sonoridades... poéticas, estéticas e experienciais. O segundo gesto diz respeito ao leitor em deleite, entregue aos sabores do texto e das palavras, sabores que reverberam em saberes sobre o texto lido, sobre a vida e sobre si. É o prazer do texto, de estar junto com, de compartilhar sensibilidades: emoções, percepções, sentidos. O terceiro gesto tem a ver com a leitura em espiral, ou seja, uma experiência que mostra que o ato de ler pode seguir por caminhos não previstos, ao constituir trilhas e circularidades que se dão via subjetividades do sujeito, mas sem perder de vista o *studium* – o horizonte cultural, social e estético do texto. A questão aqui é dar espaço ao *punctum*, aquilo que está na ordem do afeto, do que punge. Neste espiral, os leitores se aventuram a adentrar no redemoinho do texto, em seus vazios, enigmas e incógnitas. Compartilham e fazem circular sensibilidades, e neste compartilhar em circularidade... constroem e reconstroem sentidos: sobre o texto lido, sobre si, sobre a vida... É essa escuta ao outro, esta leitura coletiva - via sensibilidades compartilhadas - que também possibilita que se desenhe o espiral... leitura aberta a novos sentidos, ou sentidos que se movem nessas intersubjetividades. Essa imagem do espiral tem a ver ainda como gestos de leitura que parecem não ter início, meio e fim tão bem delimitados. É sobretudo o *punctum*,

essa força que está na ordem do afeto (das subjetividades) o fio condutor... a fiar os sentidos e gestos de leitura.

No segundo ato, pretendo enunciar A LEITURA COMO UMA EXPERIÊNCIA QUE TOCA O CORPO. Ou, seja, um leitor que no campo da recepção do texto... deixar vaziar sensibilidades traduzidas em sensações. Das múltiplas sensações, a tese contemplará cinco - a partir de termos ou pistas textuais ofertadas pelos atores participantes da pesquisa. Foram assim nomeadas: 1) Desassossego; 2) Espanto; 3) Angústia; 4) Indignação; 5) Pequenos júbilos e afagos. O desassossego, neste caso, tem a ver com as aflições e as inquietações como formas de reação ao texto. O espanto é aquele momento em que o leitor reage com surpresa, ou uma quebra de expectativa atravessa a relação leitor-texto, há um susto ou decepção. A angústia é o que funciona como elemento que implica o leitor ao texto, aos dramas das personagens, modos de recepção e reação que se afiliam ao sofrimento, tristeza, dor. A indignação tem a ver com um leitor que não fica indiferente, por exemplo, a questões sociais que o texto coloca em cena. É o leitor que reage: discorda, critica, interroga, se impõe, por exemplo, frente às injustiças sociais, as relações de poder e dominação, ao tempo que comunga com vozes periféricas e sentidos que estão às margens, feito *outsiders* diante dos *estabelecidos*. Pequenos júbilos e afagos tem a ver com as alegrias e contentamentos suscitados na relação com o texto. Talvez a imagem de um abraço afetuoso traduza isto posto. Estas sensações – que traduzem sensibilidades – também estão na ordem do *punctum*, usando as palavras do Barthes (2012): quando um detalhe do texto (da ordem do afeto) lança o leitor para fora; quando o texto funciona como uma picada, abre pequenos orifícios, dá um estalo, anima, emociona. Ou seja, tem a ver com aquilo que atravessa e punge!

No terceiro ato, empreendo uma análise sobre o SER SENSÍVEL E A REINVENÇÃO DO LEITOR-PROFESSOR, em três direções: 1) O ser debatendo-se entre demandas subjetivas e sociais; 2) A ideia de que O *punctum* pode ser mal educado: deseducar os sentidos para (se) reinventar; 3) A leitura e a docência em outras rotas: de sensibilidades? O primeiro tópico tem a ver com as percepções do sujeito sobre o ser sensível em um fluxo entre o texto e a vida, não necessariamente nesta ordem. Entram em jogo dicotomias e forças contrárias na produção deste ser sensível: de um lado o corpóreo, o humano, a singularidade, o ser-criança, a infância; do outro lado, as regras e os moldes sociais, o “ter” da sociedade capitalista; o racionalismo; o ser adulto; a negação do sensível. Forças que se atravessam e parecem atravessar o sujeito que debatendo entre essas significações parece encenar a clássica cena de balé “A morte do cisne”. O segundo tópico trata de uma poética de deseducação dos sentidos, quase a função da poesia, da literatura, numa leitura bem ao modo Manoel de Barros:

reeducar o olhar, os sentidos: dar atenção ao ínfimo, às coisas desimportantes, às pequenas coisas. O que possibilita sair do automático, da demência costumeira. Construir um olhar poético. Isto não teria a ver também como o devaneio de que fala Bachelard? (2009). O terceiro tópico tem a ver com aquilo que os círculos literários fez circular em termos de reflexões sobre o trabalho com a leitura, a docência, a escola. É quando os leitores-professores colocam em cena inquietações, anseios, desejos de reinventar o trabalho com a leitura na escola: construir rotas de leituras não previstas, mais abertas, sem “margens”, mais problematizadoras. É como se reivindicassem um outro lugar para o leitor, para sua subjetividade. O que tem a ver, em suas palavras, com trazer o leitor mais pro texto. Criar um espaços de voz. Escutas. Uma docência mais humana, mais holística. É como se afirmassem, mas não é tom categórico: ler literatura, compartilhar sensibilidades... é um caminho... uma possibilidade, mesmo sabendo o redemoinho que estão envoltos: a educação nestes tempos de incerteza e complexidade. Algo fica evidente: construir outras rotas de leitura e docência. Uma pergunta fica: nas rotas das sensibilidades?

Ao amalgamar as vozes do leitores-professores com a minha percepção de pesquisador, ponho-me a dizer que esta experiência teve um sentido formativo... e isto foi dito pelos professores-leitores, assim destacaram aspectos importantes: a escuta ao outro, o olhar pra si, a liberdade para falar, colocar-se, dizer, o respeito, o estar junto, o espaço para os sentimentos, para o afeto, o respeito, para as lembranças, para aquilo que está na ordem do desejo, do prazer, do deleite. A construção de novas aprendizagens, as redescobertas, o alargamento do olhar, o despertar de sensibilidades...

E novamente a imagem do espiral, do redemoinho: uma formação leitora e docente que se deu em múltiplas direções. Aponta caminhos, mas não lineares ou prescritivos... porque resguarda as singularidades e idiossincrasias de cada um. E assim o sujeito se move, atua, encena, se faz ator. Olha-se. Escuta o outro. Escuta-se. Uma formação que tem como fio condutor o afeto, a alegria de estar junto, de compartilhar, sem perder de vista o rigor e o compromisso. E meio que sem margens: abre espaço para o riso, para conversas sobre quem somos ou que queremos ser. Para dizer de nossos sentimentos. Uma formação que se faz pelas bordas e nas dobras das subjetividades, que não teve “ordem”, mas que foi conduzida pela escuta e o respeito, pelas trocas e a mediação do pesquisador. Uma formação que para além do *studium*, ganha força e expansão no *punctum*: naquilo que punge em cada leitor-professor. Tem-se assim um lugar de inspiração e de produção de saberes. De reinvenção. Mas estamos diante de algo que não se pode saber ou definir: aonde o vento vai...

4 Gesto finalizador, algumas reflexões...

Nas narrativas dos sujeitos, a leitura do texto literário emerge como potência de conversão do olhar: ver e sentir de outra maneira. Isso remete à perspectiva da estesia e do estético: uma poética do olhar que permite transver a realidade, ou seja, redescobrir e construir novas visões e versões das coisas. Transformar o olhar ordinário em um olhar poético e sensível. As experiências e reflexões nos círculos literários contribuem, ainda, para constituir indícios sobre a docência como um processo de criação e recriação, aberta às novidades, ao estético e à estesia; ou ainda na perspectiva do *punctum*: ir além da informação para dar vazão ao que punge, toca e afeta. O texto literário como potência formativa: novas formas de dizer, pensar, sentir e se constituir leitor-professor.

Nessas experiências em que as sensibilidades se cruzam ao *punctum*, o leitor deixa escapar traços de sua subjetividade, apresentando detalhes sobre si mesmo na relação com o texto, suas descobertas, sensações, sob o traço que o constitui sujeito da linguagem. De acordo Klafke (2016, p. 262) “é a experiência subjetiva de ser a si mesmo carregada por cada ser humano que faz nascer, para cada um a seu modo, o *punctum*”. A leitura, ou seja, essa relação do sujeito com o texto também vem de dentro, ou toca no âmago do leitor.

Os círculos literários se constituíram em processo formativo uma vez que contribuíram para “acordar” a sensibilidade literária um tanto “adormecida ou sufocada” pelo modo de vida contemporâneo – prático e utilitarista – e por uma formação docente que, na maioria das vezes, desconsidera o saber literário como um saber docente. No mesmo sentido, sinaliza a importância de se constituir nos espaços educativos um lugar para a leitura literária na formação do leitor, no trânsito entre razão e sensibilidade. Isso porque entende-se que o trabalho docente tem muito a ver com colocar-se em relação com questões substanciais do fazer educativo para captar e fomentar aquilo que pode servir de inspiração. E a leitura literária, via sensibilidades compartilhadas... é um caminho, uma vereda... neste sertão de sensibilidades.

REFERÊNCIAS

Bachelard, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Barros, Manoel de. Menino do Mato. São Paulo: Leya, 2010.

Barros, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2013.

Barthes, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Barthes, Roland. *O Neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Klafe, Sandra, SOUZA, Jorge Pedro. O registro do indizível: um olhar sobre a arte fotográfica a partir dos pressupostos de Roland Barthes. *Universidade Federal de Santa Catarina - 1º Semestre de 2016 outra travessia 21 - Programa de Pós-Graduação em Literatura*.

Larrosa, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz, v.19, n.2, p.04-27, jul/dez, 2011.

Larrosa, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

Maffesoli, Michel. *Elogio da razão sensível*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Pesavento, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

Rosa, João Guimarães Rosa. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.